

R

TEATRO

MORRER

PARA TER
DINHEIRO

TEATRO

TEATRO

COMÉDIA

I

ACTO.

Handwritten signature



DOMUS QUIETA
FACULTA CERTA

Liv. Conto e Silva
at. 69, no. 83353

COMPRA

288500

00
12939

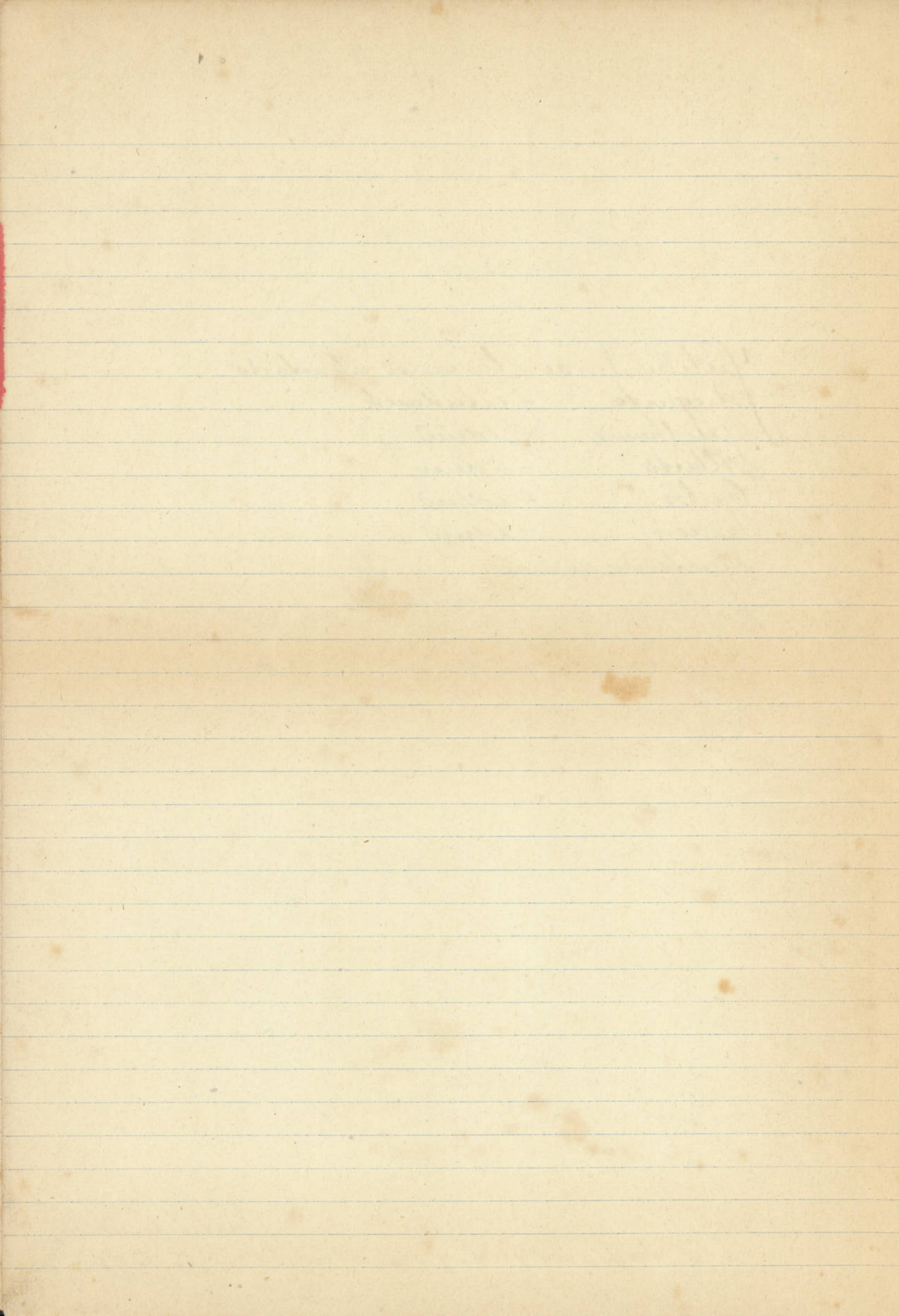
COD
12939

Personagens

Mulhão Parão - lavrador a Cartado
Augusto - estudante
Guilherme - idem
Alberto - idem
Carlos - idem
Irisório - idem
Sine toda unrico
Julia - costureira

Coimera - actualidade

Pertence a
Aureando Hipólito Reis Borges de Almeida



Acto unico

(Sala, portas ao F. e laterais. Janela, armário, livros e falha do sobre a mesa e cadeiras.)

Tema I

Augusto e Julia

Augusto (esfregando as mãos de contente) - Se eu devesse, pelas que temos esta noite aqui os nossos amigos e raparigas bonitas, hein?!

Julia - Mais de rapar, meu senhor. Tanto entusiasmo pelas raparigas!...

Augusto (novo tom) - Espero que não a creditarias que...

Julia - A esse respeito, acredito tudo

Augusto - Pois estás inteiramente enganada, minha querida Juliazinha. Serde o dia feliz que sou honrado em tua casa, não encontrei em tua casa uma mulher que não me parece honrada.

Julia - Não exigo tanto, contente-me que o seu amor seja igual ao que se consagra. Agora é preciso arrastar jámos esta sala.

Augusto - Propicia a meu cuidado; só quero que me arranjes os ramalhetes de flores.

Julia - Vou colhe-las ao jardim.

Augusto - Não é necessario tanta pressa; quanto mais tarde as colheas, mais frescas estarão. As flores e as mulheres são duas coisas...

Julia - Muitos graças, não s'assim?

Augusto - Não todas... Tu és a excepção da regra! Adens Julia

Julia - Adens Augusto (rae)

Teena II

Augusto, de pois Guilherme.

Augusto - A temerosa obstinação de meu tio, dero o uão ter já carado com esta safaiça. Gosto unido d'elo mas semo comuinheto do velho de... não sou tão tolo, que quisa fazer figas à herança.

Guilherme - (entrando) Adeus Augusto.

Augusto - Adeus Guilherme, que noticias trazes?

Guilherme - Perdiças, meu caro amigo, teniris!

Augusto - E me me dizes tu?

Guilherme - E me viremos sea fion cidade do mundo. Um desgraçado filho de familia não pode alcançar des reis! Além da pequena usura de vinte por cento, tem que dar em fechos os deutos e asias proprias unhas!...

Augusto - Pois olha, ha quem afirma, que este é o reculo da filantropia.

Guilherme (com expressão irônica) - Barbaros! Torações de ferro! Nem as esiras podem caminhar d'entro maneira, um reculo como este, em que se anda em caminhos de ferro, negrega-se em bancos de ferro, escreve-se com pedras de ferro, como é possível que o coração do homem, não se venha de este vil metal.

Augusto - Estão? Anaujastes dinheiro?

Guilherme - Nem cinco reis! Estou à "par de pilulas"! (contando-se deuto Carlos e cantando). Ah! meu Carlos... talvez ele fosse mais feliz do que eu.

Teena III

Guermos e Carlos.

Carlos (entra a fumar) - O passaro na gaiola, semão can-

ta de alegria, causa de raiva; eu faço o mesmo com o braço "enfogado"

Augusto - Tãu tem nus com as mãos a baaando?

Carlos (mostrando as mãos) - Varias, como as novas caheças... quero dizer como as novas algi beiras. Mas, isto é uma vergonha para nós, e habemos por força achar um meio para reconermos o nosso amigo.

Augusto - Agradeço-lhes, meus caros, já cessou a fúria.

Guilherme - Como!... Pois renuncias ao baile que nos prometeste dar?!

Carlos - Isso é um insulto que fazes ao nosso amigo. Augusto é um homem de bem, e quando um homem de bem dá a sua salaria, sabe mantê-la a custo da própria vida.

Augusto - Justamente, aí está o que eu fiz. Para manter a minha salaria renunciaria viver.

Guilherme - Eue diabo dizes tu?

Augusto - A verdade. Desde ontem, que o teu amigo Augusto Parão é um cadavê.

Carlos (recuando) - Um cadavê?!?

Guilherme - Tem duvida, queres aludir ao proverbio: "homo sine pecunia"... Nesse caso, nós somos tus cadavêes perfitos

Augusto - Não aludio a proverbios: eu sou um suicida

Guilherme - Oh! homem, explicamos esse enigma; não te entendemos.

Augusto - Vocês bem sabem que tenho eu baçado tantas vezes meu tio, que finalmente já não cal, nem com um "niclê". Ora como estava agora comprometido, não tire remedio senão deitar mão de um fãti do desenfado.

Carlos - Eual?

Augusto - Fingiu-me morto.

Guilherme - } Morto?!

Carlos - }

- Augusto - Morto, sim; morto, mortissimo
Guilherme (rindo) - Ah! ah! ah! Entendo!... É para lhe apanha-
res o dinheiro do enterro.
Augusto - Os grandes gênios eu tendem-se facilmente.
Carlos - Mas reflecte as consequências?
Augusto - Consequências!... Ora deixa-a ir!
Guilherme - Mas, pôde ser que algum dia venha a saber-se...
Augusto - Nunca; Alberto foi quem lhe deu a notícia de meu
tio que o tem em muito bom conceito, remete-
-lhe hoje o dinheiro para me enterrar. Deste
modo, satisfaco o meu compromisso e amanhã...
Guilherme - Ah! é que está o "burilho"
Augusto - Amanhã escreve-se de novo a meu tio, dizendo-lhe
que a minha morte foi apanhada, numa simples
uma letargo... casos que acontecem.
Carlos - Muito bem; amanhã eu de pois também eu quero uma
rev.
Guilherme - Se o seu plano tiver bom resultado, eu terejo uma
grande vontade de nos estudar.

Scena IV

Os mesmos e Alberto

- Alberto (entra, atirando ao ar um pequeno saco de dinheiro) - Vi-
ctória, Augusto, victoria!... Oh! amigos, "valete"?!
Todos - "Valete"
Augusto - (depois de ter feito oração) - Ora veremos como o novo
bom tio nos trata depois de morto. (deita o dinheiro
sobre a mesa e conta-o. Os outros rodiam-no) Quatro,
seis, oito, dez, dezasseis, etc., etc. Vamos lá, que não ha
razão de queixa. Quarenta mil reis já é um enterro
seguível. Venham cá, rapazes; refaça como este peque-
no montinho pratico toda a sala! O gar fica num
"chinelão" à vista d'isto. Apolhem na presença do
Numen. Adorem-no! (a Joelham) Mais.. ainda mais
Guilherme (com entusiasmo) - Numen benéfico e prodigioso, tu

és o monarca mais poderoso da terra, és a esta planua
 que sana todos os males, o cabão que tira todas as nodos,
 a chave que abre todas as portas, inclusive as do céu... Tu és
 dás saber aos ignorantes, mocidade e beleza às mulheres frias,
 aplanas os abcorados, endireitas os coxos, finalmente, fazes
 ressuscitar os mortos, (indica Augusto) e "criticar a cavala" aos rios
 Pedro - Amen. (ler autam - se).

Carlos - E, filozofos antigos, diziam que o diabo era
 o pior inimigo dos homens e da virtude.

Guilherme - Impertinente!... É como o que andava frígando
 que a natureza só exigia pão e água, enquanto que
 ele, às ocultas, nadava em abundância, em sua
 própria cara. É o outro que se pulter no fun-
 do do mar a sua riqueza. Infâmia! Vitupério!
 Acaso não havia necessitados? Não havia estudan-
 tes em Atenas?

Tema V

Os meninos e Iridoro

Iridoro (entrando) - Dão licença?

Augusto - Não, porque a pediste

Iridoro - Estaram a estudar?

Guilherme - Sim, estudavamos metalografia, no melhor dos li-
 -vros. (indica o dinheiro).

Iridoro - Quanto são hoje domes, rapazes?

Carlos - Desanone

Iridoro - Só?!... Este mes fauce eterno.

Guilherme - Para nós todos os meses fadecem dessa molestia.

Iridoro - Ou a phinha está errada, ou então que trouxe
 a agulha magnética da Curada da minha eco-
 nomia. Há dois dias que as minhas algibeiras
 indicam o ultimo do mês, e como vi Alberto entrar
 entrar para aqui, com um saco de dinheiro, disse
 comigo: encontrei o medico que ha-de parar a ter-
 rível doença que consome a minha existencia.

Alberto - Estás enganado; o dinheiro não é meu; Justin
e ao nosso amigo Augusto

Augusto - O momento é crítico, porém, quanto neces-
sas agora?

Isidoro - Eu fiquei de muito, mas nesta ocasião seis
carinhosas davam alívio ao meu padecimento.
(Augusto pega seis em seis moedas de cinco to-
stões beija-as, encosta-as ao coração, suspira e
depois passa-as a Guilherme, que faz o mesmo,
e as dá a Carlos, as entrega a Alberto, o qual
as a Isidoro, que as guarda na algibeira.
Os outros devem estar colocados nesta ordem.)
Isidoro em breve satisfazer-te esta continha.

Augusto - Não falem os nisso: nós somos obrigados a reco-
rreiros-nos mutuamente. A propósito: esta
noite dou um baile aos meus amigos; se qui-
zereis, podes vir e trazer alguma senhora tua
conhecida.

Isidoro - Tirei com uma dúzia delas se quizerem.

Guilherme - Tanto melhor, mas que sejam bonitas.

Isidoro - Vocês não. Até logo. (sae).

Scene VI

Augusto, Guilherme, Carlos e Alberto.

Augusto - O dinheiro que lhe emprestei não entrara na
despesa do enterro.

Alberto - A propósito de enterro, tu ainda não lês a
carta do teu tio?

Augusto - Tens razão, tinha-me esquecido. (pegando na car-
ta) Mas tu é quem a deves ler, porque é a ti diri-
gida e eu estou morto. Bem sabes que os mortos
não podem ler.

Alberto (depois de ter lido, rindo) - Ah! Ah! Ah! A carta
está ótima!... e tem post-scriptum.

- Augusto - Que diz?
- Alberto - Diz que se for a caminho para te dar o último beijo, antes que te encerem no logar do teu eterno repouso.
- Augusto - Pois deusas diz isso?
- Alberto - Diz sim; certifiquem-se! *(Todos rodeiam Alberto e solemnam a carta)* Bei... jó... Beijs.
- Augusto - Que inspiração diabólica!... Guardam-me o último beijo!... Ele que nunca me deu nenhum enquanto vivi e que estava sempre a atrometai-me com o seu sermão de moral! Com os diabos! Não se deve perturbar o repouso dos mortos! Amigos, ajudem-me, combinemos o modo de evitar esta catástrofe.
- Guilherme - Muito facilmente
- Augusto - E como?
- Guilherme - Quando chegar teu tio, diz-se-lhe que já estás enterrado.
- Augusto - Paípa!
- Carlos - A ideia é sublime.
- Alberto - Tu repuro, é uma ideia arnática.
- Guilherme - Arnática?! Quare dominev!
- Alberto - Porque, Augusto, morrendo on tem à noite, não pôde ser enterrado antes das vinte e quatro horas; a lei arrima o determina e o velhote sabe bem estas cousas.
- Augusto - Antifatoiro com a lei e tanto, que há reis anos que a estudo e cada vez sei menos. Mas ouçam outra ideia: Neste mundo tudo se vende com o dinheiro; se, por exemplo alugássemos um defunto?
- Todos - Um defunto?
- Augusto - Sim, um defunto, que se faucesse comigo.
- Todos - *(rindo)*: Ora!.. Ah! ah! ah!
- Guilherme - E, como o háis de achar, com uma cara de

bolacha como a tua?... O melhor é fingires-te morto; chega teu tio, dá-te o beijo e volta em cabota para a terra.

Augusto - E se ele quizer ver-me enterrar?

Guilherme - É verdade, isso seria o diabo! Não te agrada esta segunda ideia? Pois bem, lá vai uma terceira, mas olha que é a última.

Augusto - Vamos a ouvi-la.

Guilherme - Arrasina-te

Augusto - Paga!... Nada prefiro a segunda ideia.

Alberto - Agora, fechemos no baile.

Augusto - Isso pertence-te, visto seres o nosso ministro das

finanças
Alberto - Em primeiro lugar tratemos da iluminação: são fúculos, pelo menos, dez arateis de rélas de estearina a duzentos reis o pacote, são dois mil reis.

Guilherme - Dez arateis acho muito.

Alberto - Teia para quarenta fúculos a cinco tostões por cabeça, vinte mil reis; refresco chá e as coufetes das tonadas, duas libras; dinheiro de empustimo, três mil reis. Toma tudo, trinta e quatro mil reis. O que resta é para as despesas ainda.
Não te esqueçam os charutos.

Carlos - Os licões e os vinhos que se fazem bons

Augusto - É a uirica, meu fã teta?

Alberto - Oh! com os diabos!... Precisamos mais cinco libras; uma para a uirica e quatro para os vinhos finos.

Guilherme - Nada, acho pouco vinho

Carlos - Não ha remédio senão encurtar as outras despesas

Alberto - É impossível, tudo está pela raso.

Guilherme - Pois bem, eu cuidarei do resto; quero mostrar-lhes que se fazem milagres.

Augusto (dá o dinheiro a Guilherme). - Aqui tens o dinheiro,

Guilherme; e tu Carlos, não falas aos musicos; se forem cegos
melhor será.

Guilherme - Apoiado! Tendo todos cegos, não são tão sen-
hos na critica.

Augusto - Toca a manobras. Si sete horas aqui esperas
no com as suas belas

Guilherme - Tem falta. Adeus. (vai com Carlos).

Acto III

Augusto e Alberto

Augusto - Mãos à obra... Fecha depressa aquella porta.

Alberto (fechando a porta) - Onde queres se pueru tar o
teu papel? Aqui, sobre a mesa, ou lá den-
tro, sobre o canapé?

Augusto - Eu creio que sobre o canapé estarei melhor.

Alberto - E eu julgo que sobre a mesa, farias mais
equito. Vai buscar as almofadinhas.

Augusto - Pois vai. (Alberto entra no quarto e vai logo
com as almofadas.) Noente tanto vou buscar
os lençóis. (vai tirar os do armário. Alberto
cantando e colocando as almofadas sobre a
mesa.) Estão tão alegre como se se preparasse
uma carne de moirás.

Alberto - Aquid cobre-se tudo com um lençol.

Augusto - Aqui o tens.

Alberto - Bom. (estende o lençol sobre as almofadas.)

Anda, embrulha-te n'outro lençol e estira-
-te aqui, ao cumprido.

Augusto (embrulha-se num lençol e estira-se ao cumprido,
sobre a mesa, como um defunto) - Estou as-
sim bem? Posso passar por um defunto?

Alberto - Hum!.. hum!... Tens a cara tão vermelha;
mais fauces o deus Baco, do que a morte.

Augusto (sentando-se) Também isso se remedia. Vai
à cozinha e tráz um bocado de gir, que

está sobre o físiel do físte.

Alberto - Lembra-te Bem (vai dentro e traz o gir). Ora
tamos come ter este homicidio. (embranquece
-lhe a cara com gir, e Augusto espira). Al-
to lá! Olha que os mortos não espiram!

Augusto - Bem sei, mas é que tenho as ventas a taque-
lhadas de gir.

Alberto - Espira, ainda falta outra coisa. (vai ao
maio e tira um barrete de dormir e um cachimbo)

Augusto - Para que é isso?

Alberto - Para ti. Tala-te e exega em faz. (dá-lhe o
barrete e enrola-lhe o cachimbo ao pescoço). Promi-
to, agora só de orelhote chegar quando quiser.

Augusto - Se eu pudesse adormecer. Dizem que o sono é
a imagem da morte.

Alberto - Não adormes, mas o teu é a imagem dum
terramoto; quando vinchas dormes vinchas
como um carolo. É melhor que estejas acor-
dado (batem à porta). Sem duvida é ele que
chega. Augusto, coragem e sangue frio! (vai
abrir a porta e depois julgando ser Julião, en-
tra a abraçar Augusto e chora) Ih! ih! ih!

Terça VIII

Os mes e Guilherme

Guilherme (entra com as relas e com o cendro engano, e
as gaigalhadas) Ah! ah! ah! Olha que sou eu.

Alberto (voltando-se) - Ah! é' tu fatife! (vendo) Ah! ah!
ah!

Augusto (levantando-se) - Ah! ah! ah! O «qui pro quo» tem graça.

Guilherme - Aqui estão as relas. (aproximando-se da mesa).
Oh! «Euan tum multa tis abilo»!.. Falta-te unica-
mente uma coisa, para enganares os coros e a tua
própria morte.

Augusto - O que é'?

Guilherme - Estava metido em nese fana gelaus na ualidade.

Alberto (indo) - Ah! Ah! Ah!

Augusto - O diabo te conuquem; ora apalpa e verás como o meu enação faz
tic-tac-tic-tac

Guilherme - Porque?

Augusto - Porque julgara que fosse meu tio.

Guilherme - Deixa-te de arseiras. O coração dos mortos
não palpita.

Alberto - (escutando) Silencio (vai à porta) É ele! (a
Augusto) Anda, more depressa.

Guilherme - Eu fora aqui me cirro.

Alberto - Não. Fica. Eu vou apresentar-te como o medico
que o curou.

Guilherme - Com certeza reu favez uorna bonita figurã,
a cura foi mara arilhosa!.. (tira a batina
de estudante, vai ao armario, pte uma
sobrecasaca e pte um chapu e um oculu
pretos.)

Alberto (a Augusto) - Fera juizo, ou viste? Fecha os olhos
e respira o meno que poders. (abre a por-
ta e depois senta-se com a cabeça entre
as mãos, ao lado da cama. Guilherme
tira o seu oculu da algibeira, encaixa-o no
nariz, levanta o lenço do pescoço sobre a barba
e aproxima-se de Alberto, com o modo de
quem o quer aburrar.

Tercio IX

Os uniuos e Julião.

Julião (fazendo à porta olha para Augusto) - Lá está o pobrecinho.

Guilherme (pausadamente a Alberto) - Não se des console
senhor. lembre-se que tem um esposa que o ado-
ra. O pesar que o sufoca fura o muito ape-
to que o ligara ao seu amigo, fôrão como
todos mortaes; é um tributo que, mais cedo
ou mais tarde, haremos de pagar à natureza:
«Hodie mihi eras tibi».

Alberto (beixo a Guilherme) - Cala-te, maldito.

Julião (ainda na porta) - São amigos dele! Também tremem-me os joelhos, saltando-me as forças para entrar.

Alberto - Quem está aí? São, talvez, os homens que o reem buscar? Ah! Não, canibais; retirem-se! Não cominto que o leem. (levantar-se e vai buscar a Augusto) Não, não cominto, não quero.

Julião (chorando) - Não são os homens para o lerem, sou eu, sr. Alberto. (entra fazendo por diante da mesa, faz uma sena existando e ha para Augusto).

Alberto (lindo ao encontro de Julião como lenço nos olhos) Ah! é o sr. Parão, o tio do meu infeliz amigo.

Julião - Já não o sou; já tenho sobrinho. (indica Augusto) Ah! está o ultimo Parão (suspirando) O que são os homens! verdade é que a morte não respita moços nem velhos.

Alberto - Perdi o meu Pylades, o meu melhor amigo!

Julião - E eu um sobrinho que tinha seus defeitos, mas que se não podia chamar de todo mau. Paciência.

Guilherme (com grandade ao pé da mesa, tirando o lenço da algibeira) - Muito precária é a nossa existência sobre a terra. Não gozamos uma hora de felicidade, nem de tranquillidade completa! Com quanto vivemos, como ativamente felas mulheres e, depois de mortos, felas moças... (finge que enxota as moças da cara de Augusto, o qual suspira).

Alberto (a Guilherme) - "Dominus tecum", sou teu.

Guilherme - Não faça caso, é de flúo.

Julião - diga-me, sr. Alberto, de que moreno o infeliz?

Alberto - Moreno como morem todos que cessam d'existir.

Julião - Não digo isso, pergunto se lhe custou muito despegar-se d'este mundo?

- Alberto - Não senhor; só os velhos é que tem medo da morte; a juventude encaba-a com intuições. O infeliz partiu deste mundo tão resignado e satisfeito como se fosse para um baile. Pergunte a este senhor, que fez médico que o curou. Um homem de muito saber.
- Julião - Um charlatão, quer dizer. Se fosse um homem de muito saber, não tinha morto o meu sobrinho, que era um rapaz tão robusto, que prometia longa duração.
- Guilherme (com gravidade) - As suas palavras são injustas. Se terminou os seus dias, se a minha ciência nada pôde conseguir, "requiescat in pace"! O médico não pode fazer impossíveis e para a morte não se alcançam dispensas de Roma. Digo isto ao senhor, porque se qualquer culto me tivesse ofendido, já tinha devorado todo o seu sangue.
- Julião - Todos médicos são sanguinários; a propósito que sangue também aquele infeliz?
- Alberto - Nada, ainda conserva todo o sangue nas veias.
- Julião - Quer dizer que o tratou pelo sistema da "homeopatia" ou da "electropatia", que anda agora muito em moda?
- Guilherme - O senhor quer fazer-me sangrar mas não comece. Seu filósofo e rei avaliou as causas "Rustica progenie".
- Julião - Quer que o senhor diga com isso?
- Guilherme - Ele é um homem de bem, que não é o seu coração que falla, mas sim o impulso do seu sentimento. Eu desculpo e reuno as minhas lagrimas às suas. (Finge que chora).
- Julião - Meu sobrinho era seu amigo?
- Guilherme - Não, senhor; conheci-o pela fama, mas eu, como se costuma chorar por todos os meus

doentes que morrem! (chora)

Julião (à parte) - Não parece-me melhor que os seus colegas, ao menos, se os mata, chora por eles.

Guilherme - Se presenciasse a terrível molestia que o acometeu... fruecia que um "poderoso veneno".

Julião - Um veneno! Será possível? Quero mandá-lo abrir já, quero descobrir o crime.

Augusto (baixo) - Agua... agua...

Guilherme - Perdão, não me entendeu. (oferece a café a Julião)
Eu disse veneno foi em sentido figurado. A molestia que o matou é muito conhecida.

Julião - Desejava saber-lhe o nome.

Guilherme - Nós os médicos, chamamos-lhe "defectus respirande", que quer dizer, falta de respiração. (abana os bolsos do colete).

Julião - Falta de respiração! Sapa!... Peço desculpa, doutor, e, involuntariamente o escandilizei. (baixo a Alberto) Não lhe parece que dando-lhe cinco mil reis será o bastante?

Alberto - Direi; a doença não foi longa, mas doeu-lhe emittir a minha recta opinião. O médico teve muito trabalho, perdeu duas noites e nunca largou o doente; fruecia-me que ao menos devedar-lhe... (Guilherme, por tirar de Julião e Augusto, erguendo-lhe um pouco, mostra a Alberto os dedos das mãos) Des mil reis.

Julião (tirando o dinheiro duma bolsa que tira na algibeira) - Sr. doutor, rogo-lhe que aceite..

Guilherme - É certo que a época corre mal; mas, não deo... nunca pensei no interesse... (oferece a café a Julião).

Julião - Ora, por quem é... queira aceitar...

Guilherme - Já que tanto aperta... (quando o dinheiro)
(Baixo a Alberto) Já temos para os vinhos e licorres

Julião (à parte) - Este usamunga... Terreis que não ficou contente. Todos leem pelo mesmo Periodico. *(Pobre olhando para a mesa)* Pobre rapaz! Não tenho animo para o encarar.

Alberto - Não me dá medo, é um lindo defunto, parece um em Palmarado!

Guilherme - Isso não admira; quando tenho a certeza de que o mal não tem cura, não estou com meias medidas a brerio o sofrimento dos meus doentes e, por isso, depois, ficam tão frescos, que ao veres vê-los, julga-se que ainda estão vivos. *(ofrece rapé a Julião)*

Julião (à parte) - Na verdade é uma virtude rara!

Guilherme - Eu o sei do, meu senhor. Tenha coragem, ninguém pôde lutar com a vontade de Deus.

Terça V

Augusto, Alberto, Julião, depois Director da Musica e Musicos.

Julião - Sr. Alberto, venha cá, sus tenha-me... quero dar um beijo naquela fronte, que dentro em pouco ha-de ser pasto de vermes!

Alberto - Aqui estou meu senhor. *(conduz Julião junto da*

Julião - *mesa)* Ainda está quente!.. Mas, diga-me: por que lhe puderam um cachenez?.. Achava mais proprio um lenço branco.

Alberto - Assim é mas foi a ultima determinação do finado; quiz que eu lhe promettesse, que seria enterrado daquela maneira, porque, diz ele como era o seu favorito em todos os actos da sua vida, não queria que se ~~dizesse~~ *dizesse* que baixara o Parão à sepultura, sem o seu querido cachenez.

Director (entrando) - A que horas começa o baile?

Augusto (à parte) - Misericordia!

Alberto (à parte) - Está tudo perdido! Maldictos! (aos músicos) Mais tarde, mais tarde.

Director (vendo Augusto) - Com a breca! Parece que me enganei!

Alberto) - Mais tarde, repito, mais tarde. (obriga-os a sair)

Terça XII

Augusto, Alberto, Julião, depois Guilherme e mais tarde Carlos

Julião - De que baile falam eles?

Alberto - Pois o senhor não sabe, que, como é gente que vive dos mortos, foi' isso, chamaram a um enterro um baile.

Julião - Mas não eram homens d'enterro, traziam vários instrumentos.

Alberto - É verdade, são músicos.

Julião - Músicos!... Para quê?

Alberto - É costume quando morre algum estudante de janina, ir o prestito funebre a acompanhá-lo de suor musica funebre.

Julião - Pois não sabia! Então, será preciso que lhe dê mais algum dinheiro?

Alberto - Uma bagatela, corrente de dez ou quinze mil reis.

Julião - Custa muito cara a tal musica tuca. (dá dinheiro a Alberto) Aqui tem.

Alberto (à parte) quando o dinheiro) - Já tenho para a musica, agora só falta para os chaustos.

Guilherme (entrando) - Peço desculpa se volto a incomodá-los, mas está ali fora...

Julião (assustado-se) - Quem?

Guilherme - Não se atemorise, é o boticário que me pediu para o acompanhar até junto do sr. Parão.

Alberto (à parte) - Ai que fatife

Julião - Ah! Percebo. Faça-o entrar.

Carlos (entra sem a Latina e vestido um pouco caído)

- Meus senhores, com o mais profundo respeito.

Alberto - Traz a conta dos remédios?

Carlos - Sim, senhor; mas se quiser, retornei neutra ocasião

Guilherme - Não é preciso. Sr. Parão é um homem que pensa à antiga; faça já não é verdade?

Julião - Quanto lhe devo?

Carlos - Aqui está a conta. (Puxa dum papel e lê) O Ill.^{mo} sr. Parão, tio, deve a Vinoco Vasques, Poti-cário aporçado, etc, etc, etc, 24 cisternas, 15 caudicos, 63 cata-flamas, 115 bixas...

Julião - Oh! tanta coisa!

Guilherme - Ainda foi pouco e a prova é que tantos remédios não foram suficientes para o salvar.

Carlos (continuando a ler) - "Aqua lustratis em minerali, cedraum retibus et amara et framboise"

Julião - Basta... basta... diga a soma, que eu não entendo quego.

Carlos - Dir-lhe-hei a soma em português. Ser 64750

Julião (dando dinheiro a Carlos) - As moléstias aqui saem muito caras. Na minha terra, onde todos os remédios consistem em escrementos e aquas com açúcar, quasi todos morrem com cabelos brancos.

Carlos - Obrigadíssimo. Logo vi que V. Sr. é um perfeito caralheiro e um tio como há poucos...

(à parte) Sabro erro! (a Guilherme) Também para chautos cá vai na algibeira. (sae com Guilherme; Alberto acompanha-os à porta).

Terra XII

Augusto Alberto, Julião, depois Julião

Julião (à parte) - Se não me retiro quanto antes, fico depenado de todo. (vendo o armário. A Alberto)

Diga-me: este moral era o guarda-roupa do infeliz.

Alberto - Era sim senhor.

Augusto (à parte) - Oh! diabo!

Julião - Pois como vou immediatamente para a minha terra, quero levar tudo comigo. (abre o armário)

Alberto (à parte) - Não lhe ha-de fazer muito peso.

Julião - Aqui não está nada!

Alberto - Tudo existe em boas mãos, meu caro senhor.

Julião - Nas mãos de quem?

Augusto (à parte) - Nas mãos dos adidos

Alberto - Nas mãos dos pobrecinhos, foi a sua ultima vontade.

Julião - Fez bem, é uma obra meritoria (pegando num dos sacotes de esteira que está no armário). Para que serve isto? Velas deste tamanho não são proprias para enteiros!

Alberto - Diz bem, foim a moda assim o manda. Agora, na França, é esse o costume.

Julião - Na França, logo vi aquelles ratões terríveis!

Julia - (com flôres) - Aqui estão as flôres. (vendo Augusto assustada) Meu Deus! Augusto? Augusto? (Ela abraça-lô).

Alberto (agarrando Julia e conduzindo-a ao pé de Augusto baixo) - É uma brincadeira, a fude-me.

Augusto (baixo a Julia) - Finge que choras com desespero.

Julião (a Alberto) - É, talvez, a dona da casa, aquella com quem meu sobrinho queria...

Alberto - Agora são inuteis os misterios... saiba que é a infeliz viuva de seu desgraçado sobrinho.

Julião (admirado) - A viuva!.. a viuva!...

Julia (afaelhada) - Sim senhor; sou a mais desventurada de todas as mulheres.

Julião - Então, mesmo a despeito da minha vontade?... Refaiz as terríveis consequencias e deus queira que não haja ainda peor.

Alberto - Eu parece-me que não.

Julia (lerantando-se) Pobre Augusto!

Julião - Não posso por mais tempo aqui ficar, tem
nbro o coração dilacerado e aos pulos. Sr. Al-
berto, cumpria tudo até ao fim, faça-o en-
teriar com todas as honras anexas aos
Pavões. Não esqueça o tal e catherine. Façam-
-lhe todas as vontades. (vae para sair).

Alberto (à parte) - Respiro! Vai-se finalmente.

Julião (voltando-se) - Console tam bem essa pro-
bre viuva e se for da sua vontade case
com ela. Eu lhe dei um dote. Aquem
hei-de deixar o que tenho, senão ao meu
sangue? Porque, enfim, queira ou não
queira, ela tam tem s'uma Parça.

Alberto - Diz muito bem. Ela é uma Parça e o meu san-
gue corre pelas suas veias.

Julião - Foragem, meus amigos, coragem!.. Adeus!
(voltando-se para Augusto) Que a terra te
seja leve! (vae chorando).

Terra XIII

Augusto, Alberto, Julia, depois directores, Músicos,
Guilherme, Carlos, Prídoro, e Camildado

Augusto (lerantando-se) - Ressuscitei!

Alberto - Silencio!.. Não te mexas ainda! (vae exa-
minar a caixa de Julião).

Augusto - Perdão, minha Juliãzinha, fui obrigado a ^{mor-}
rev-tão depressa que não tive tempo para te ani-
car.

Alberto - Com effeito já partiu.

Augusto - Foi para pag obrigai o velhote a pagar a
despesa do enterro.

Julia - Meu Deus que fizeste?

Alberto - (aos músicos que entram) - Podem entrar, meus

senhores

Director - Já são horas?

Augusto - Espero que hoje, não de tocou melhor que o ano passado?

Director - Não tenha dúvida, ha-de ser bem serido.

Augusto - Assim o espero, e enquanto não começa o baile, tenha a bondade de se nos arranjar esta sala

Director - Com todo o gosto (ajuda a acender as velas).

Guilherme (entrando) - Boas noites, Augusto, estás melhor?

Augusto - De perfeita saúde.

Carlos - Fiquei a botica para gozar da tua amavel companhia.

Augusto - Vendes muito caro os teus medicamentos, há-de ter pouca frequencia.

Fridoso - Aqui estamos finalmente; não faltou à minha palavra.

Alberto - Bem, muito bem, meus amigos; toca a dançar.

Augusto - Sim, poderemos começar pela valsa da "Gloria Lia" (aos músicos) Vamos a isto, meus senhores.

Todos - Pronto. (a musica toca e começa a valsa; e Julião entra, seguido dum galego, que traz uma taboia do feitiço de uma laçade com o repinto letreiro: Aqui jaz Augusto Parado - Modelo de Virtude. Julião, fica extatico, olhando para todos, os quaes ficam parados em diferentes posições comicas. A musica cessa de tocar).

Sena XIV

Os memos e Julião

Augusto - } - Estamos perdidos!

Guilherme - }

Julião - Será possível! Sou bruto ou estou acordado?... És tu, cobrinho do diabo!... És tu

tão cedo, que mandei fazer este epitáfio elogiando as tuas virtudes! Oh! Eu sufoco! Eu morro de raiva.

Augusto (apelhaudo) - Perdão, meu tio!

Julião - Não te quero ouvir, para mim estás ridículo de mais.

Augusto - (com os braços abertos) - Piedade, senhor, piedade.

Julião - Nunca. Retira-te, infame!

Augusto - (levantando-se) - Pois bem, já que o encontras-me com tida lhe prometeu tanto furor, já que deseja a minha morte, eu vou satisfazê-lo. (Tira o canivete da algibeira e quer ferir-se, todos o impedem).

Julia (assustada) - Ah!

Guilherme (detendo o braço de Augusto) - Que fazes? Atentar contra a vida!... Tu, a esperança da pátria!...

Julião - Ah! impostores! Também o senhor, o deuto sem medicina!

Guilherme (apelha, sendo impedido por todos) - Ora, que lhe há-de fazer... todos nós imploramos o perdão de seu sobrinho.

Julião (que lhe tocam os pés) - Ai! ai! os meus calos!

Julia (apelhaudo) - Senhor, rogo-lhe que não seja tão severo.

Julião - Nunca, nunca perdooei.

Guilherme (levantando-se e dirigindo-se aos músicos) - A música sempre obrou prodígios, até tem já a brandade feras, por consequência, pecam também ao si. Julião.

Julião (aos músicos que apelha e mostra que se recusa) - Retirem-se horrendas muniões do Espírito, senão... (ameaça-os com a bengala e os músicos recuam).

Guilherme - Enfim, fizemos todos o possível para que lhe abrandas a fúria, mas já que

e' tão venizente, ainda ~~de~~ resta um ultimo re-
 curso. (ao publico). V. J.^{as} teve a bondade de lhe pe-
 diu e se ele não quizer amir, caçquem lhe à grande.
Julião (com as mãos postas) - Pelo amor de Deus
 não façam tal! A vista de tão grande
 pedido, não tem ho remedio senão perdou
 a todos.

Agradçam as em feuto
 Alcançarem o perdão,
 Poiseu quera castigad
 Esta grande mangaçao

Mazem summa, desculpar
 Ser o loquo verdadeiro,
 Por que fui novo p'ra mim
 Omores p'ra teu diuheiro.

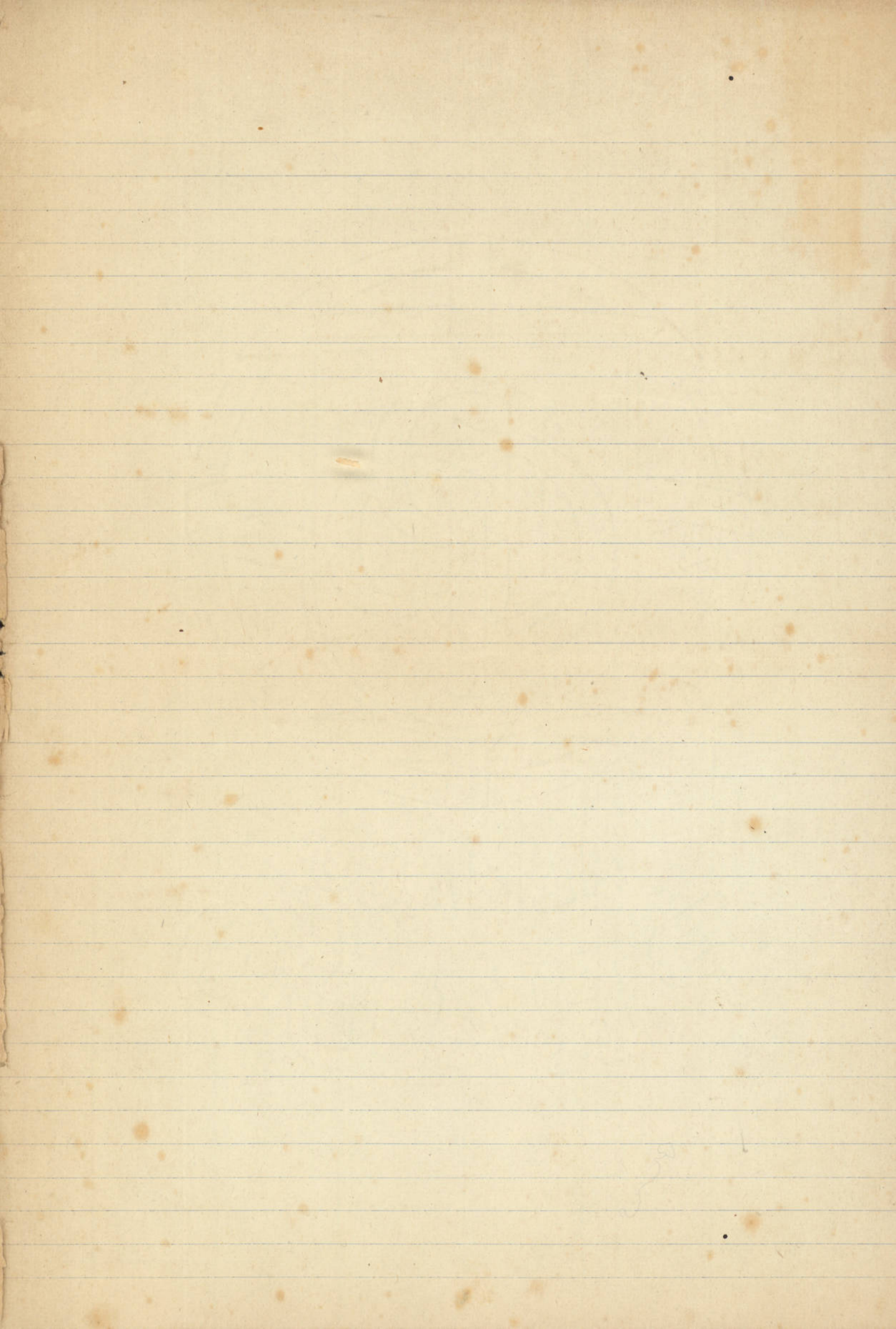
F I M

Representada duas vezes no Club
 Recreativo de S. Martinho do Porto, a 1.^a em Maio de 1922 e
 a 2.^a em Setembro de 1924. Presença por da 1.^a vez:

- | | |
|-----------------------------------|--------------|
| Julião - J. Rocha | J. Rocha |
| Amunção - J. Rosa | J. Rosa |
| Pritheneu - F. Elizeu | Unico tanta |
| Alfredo - J. M. Coelho | J. M. Coelho |
| Carlos - J. P. Medina | J. P. Medina |
| Leidoro - A. Amias | J. Nunes |
| Director da Musica - N. N. | N. N. |
| Julia - Maria Veiga - Maria Veiga | |

cod
 12939





α/634